

## Natureza canta mais alto para Alexandra

A ala masculina gostou dela por lembrar um pouquinho Nara Leão e por suas pernas bem torneadas. Já as mulheres aprovaram suas roupas — tôdas com estampas modernas de flôres, fazendo um gênero mais americano do que germânico — e sua voz grave, profunda, quase triste. Aliás, não só os vestidos têm flôres. Alexandra considera-se uma “naturalista” e quase tôdas as suas composições têm como motivo central a natureza.

Simpática e risonhã, adora posar de manequim e se diz “uma das maiores fãs de Vandrê”, cuja música vai gravar na Alemanha.

## Romuald, um clássico que veio de Andorra

Palhaço, escudeiro, trapezista, dançarino, humorista, saxofonista e cantor. Em 30 anos, Romuald foi tudo isso. Hoje ainda guarda com bom humor os tempos difíceis e continua cantando. Extremamente simpático e alegre, o representante de Andorra (francês da Bretanha) é um dos que mais distribuí autógrafos:

— Ou là là! Acho importantíssimo a torcida feminina. O Maracanãzinho cheio, com um mundo de garôtas gritando — ou até vaiando — com cartazes e faixas é realmente sensacional!

Romuald, que se apresentou na quinta-feira, usou calça marinho e blazer azul claro, pois se considera “um clássico em tôdas as atitudes”, e sua música, uma valsinha moderna — *Le Bruit des Vagues* — agradou principalmente às mulheres.

Casado com Arlette — ex-cabeleireira — Romuald se considera um tradicionalista em matéria de moda:

— Só admito a mini-saia exagerada no verão e nas praias. É ridículo que uma mulher queira se vestir com homens — os costureiros em geral são uns debochados e abusam do direito de enfeitar a mulher. E o engraçado é que tôdas elas se vestem para agradar as amigas e nos amolar!

## Mamãe e Flamengo, os amôres de Antoine

Não fôsse seu sotaque limpo e sua apelação para o amor maior do público — evidentemente es-

tamos falando de futebol — Antoine seria apenas um estrangeiro um pouco extravagante. As meninas não lhe deram um minuto de folga e êle as recebia com gíria parisiense e malícia nos olhos. Elas não entendiam nada e diziam merci. O representante de Luxemburgo é um dos poucos cantores europeus que não vive exclusivamente de música — êle é engenheiro construtor — e confessa que é apaixonado por sua mãe, sua maior fã.

## A voz forte de Owe

Owe Monk parece um viking ou um profeta. Ou as duas coisas ao mesmo tempo. Apesar de usar uma profusão de colares e de anéis, as meninas do sereno não o deixam em paz. Sua voz é das mais bonitas do festival, baixo profundo, subindo e descendo de tons com a maior facilidade. Owe faz parte do conjunto sueco Con's Combo — que tem também Connie, Charlie e Bob — e sua vontade maior é que as garôtas — principalmente da torcida — gostem de sua música e do jeito de cantar “que não é nada frio.”

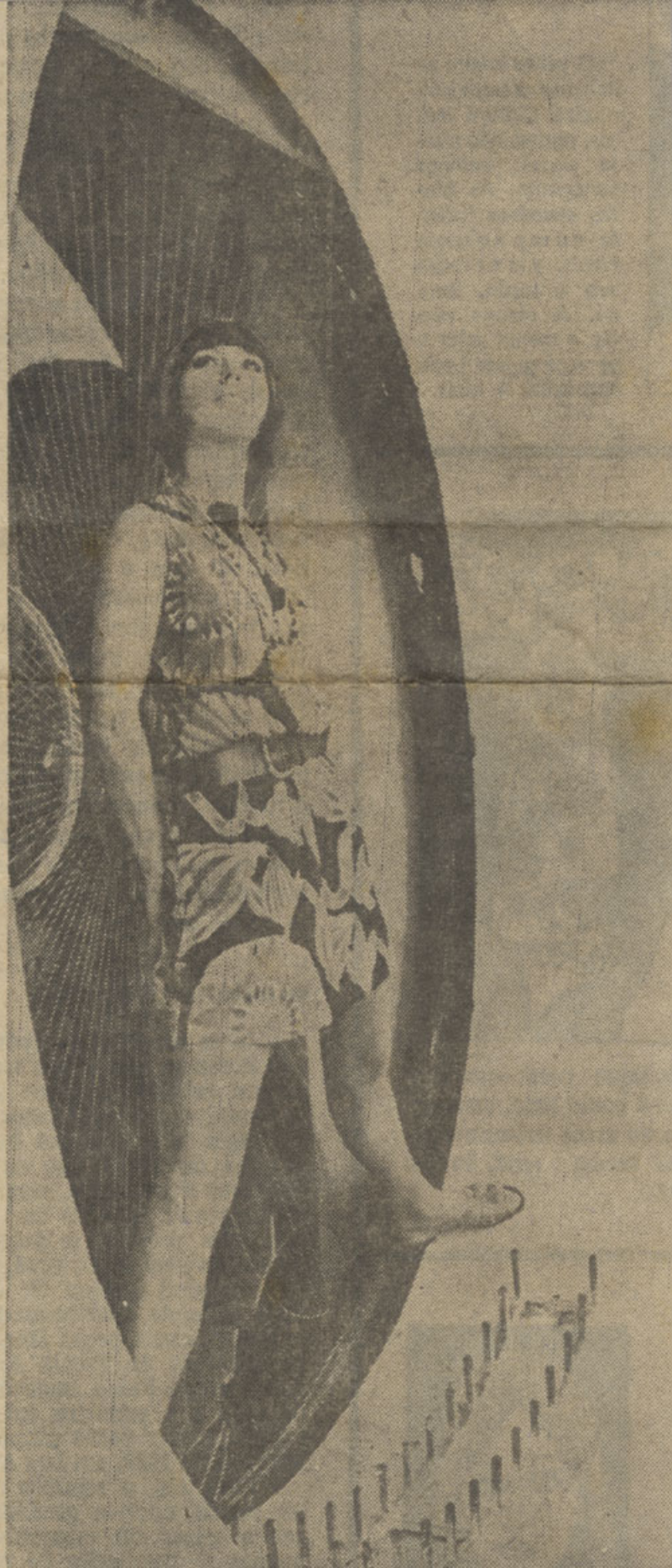
## Pino Donaggio, retrato de um romântico

Pino Donaggio é quase um sinônimo de *Io Che Non Vivo Senza Te* ou *Una Casa in Cima al Mondo*. Para êle, os dois últimos anos foram os mais felizes de sua vida: casou-se com Rita Cucco — o garotinho Cristiano fez um ano na semana passada — e recebeu o título de Mestre de Violino do Conservatório de Veneza, que foi “o mesmo que vencer todos os festivais de San Remo.”



PETER HORTON

2



ALEXANDRA



*ANITA HARRIS*



*PINO DONAGGIO*



*ROMUALD*

Veneziano, Pino tem 27 anos e se veste com certa displicência, não fazendo a mínima questão de estar na última moda. Usa sapatos de verniz pretos e meias brancas, e cantou com roupa clássica, pois "não sabia que no Brasil se usava roupas extravagantes."

Bastante procurado pelas meninas, Donaggio diz que "a mulher ideal é indefinida; importante é que seja inteligente — o físico é secundário — que saiba sorrir, compreender o mundo e que não seja ciumenta." Mas em matéria de moda seus conceitos são bem mais rígidos:

— Preciso, claro, as transparências nas mulheres. Mas com Rita nunca tive problemas. Ela é uma mulher de gosto clássico, o que, infelizmente, implica em roupas mais caras.

Romântico por natureza, Pino concorda que uma de suas canções mais bonitas é **Una Casa en Cima al Mondo** que compôs quando estava para casar e "só tinha pensamentos apaixonados em relação à casa." Já o filho é francamente pelo iê-iê-iê, ficando todo animado quando ouve uma música moderna.

— Pena que chora quando eu canto. Engraçado, não?

## Lua Cheia briga com o Sol

Toulai — que quer dizer Lua Cheia — é bem o exemplo da mulher turca, que trabalha para a emancipação. Há 15 anos dedicando-se à música, Toulai derubou todos os mitos e tabus da sociedade burguesa de onde veio para se afirmar como uma das melhores intérpretes da música turca moderna, enraizada no folclore.

Filha de um secretário de estado, a cantora mora atualmente em Paris — onde se veste com os jovens costureiros Gérard Sylvie e Jean Bouquin — e se define como "uma mulher moderna que não aceita mais o véu como símbolo da submissão feminina nos países árabes." Contra o casamento — acha que este tipo de união implica numa dependência econômica para a mulher — Toulai tem 26 anos e usa anéis com

por turquesas autênticas em todos os dedos.

A canção que interpretou se chama **Le Soleil d'Hiver — O Sol de Inverno** — e é de autoria de Erden Buri, um compositor que vibra com o Rio, com a música brasileira e "com a amizade com as flores." "A música é romântica, mas não deixa de ser um protesto contra a natureza" é o que afirma Erden. Toulai sorri e concorda. Os dois estão muito impressionados com a língua portuguesa e com os nomes indígenas. Amanaci, que significa Filha da Chuva, foi a palavra mais bonita que Erden já ouviu, e vai compor uma melodia com este nome.

No Festival, Toulai vestiu um longo branco, aberto dos lados, com pantalone vermelha. Não tem medo do público, considerando-o "quente e ideal para um artista."

## Peter Horton, o "charme" maior

Olhar franco e sério, 27 anos, Peter Horton vai logo explicando por que se veste de maneira conservadora, embora de corte moderno:

— Ninguém na platéia deve perder tempo olhando a minha roupa. O importante é ouvir a música; o cantor e o traje devem ser discretos para não desviar a atenção do público.

Formado em Economia, Peter começou a cantar aos 10 anos, com os meninos do Côro de Viena, viajando por toda a Europa, e aos 16 anos teve a primeira orquestra. Aos 22, dava concertos de música clássica e, apesar de ser o homem dos sete instrumentos, seu amor maior é pelo violão clássico, que estuda com afinco. No Brasil, Darci Vila Verde ofereceu-se para lhe dar algumas lições e ele vai aumentar sua estadia aqui só para isto.

Adorando a música brasileira — canta **Corcovado, O Pato, Garôta de Ipanema e Mas Que Nada** — seu maior desejo é conhecer Elis Regina e com ela aprender a cantar **Upa Neguinho**.

Fomos interrompidos por um dos músicos da orquestra que

queria saber quais as modificações que Peter queria fazer no arranjo. Depois que foi embora, Peter falou, muito sério:

— Faço questão de tratar bem os componentes de orquestra. Geralmente, o cantor os despreza, não se lembrando do quanto eles precisaram estudar para chegar a fazer parte de uma orquestra, enquanto que êle, cantor, às vêzes apareceu da noite para o dia, sem qualquer noção do que sejam notas musicais.

## Anita tem fórmula para agradar

Miniminvestido de brocado dourado foi o traje de Anita Harris no Festival. Como ela explicou, “na Inglaterra, quando canto de longo, as mulheres gostam de mim, mas os homens não. E eu quero agradar aos homens.” Ela agrada, de mini ou de slacks, pois é muito atraente e esfuziante, como boa representante da nova geração inglesa.

Cantando desde os 16 anos, Anita aparece muito na televisão, em musicais e **nightclubs**, e seu maior sucesso em disco foi **Just Loving You**, com um milhão de exemplares vendidos. Antes de vir ao Rio, gravou um nôvo elepê chamado **Leblon**, título de uma das faixas, composta por David Mort, do New Vaudeville Band, que, quando esteve recentemente aqui, se apaixonou pela praia.

De diferente em sua vida, a sua empregada Maria, portuguesa de nascimento, que já tentou ensinar-lhe o português, mas que Anita, por ser muito preguiçosa — segundo suas palavras — achou difícil aprender. Aliás, isso foi descoberto pela Tuca, que estava assistindo à entrevista e que, apesar de não falar inglês, foi logo se enturmado com ela e prometendo dar de presente três de seus discos. E Anita frisou que os queria autografados, pois gostou muito de Tuca e a achou muito engraçada.

## Paul Anka, um ídolo tímido

Paul Anka, cuja canção começou a fazer sucesso desde o primeiro ensaio, quando foi ovacio-

nado pela orquestra, tornou-se conhecido há uns dez anos com a música **Diana**. Já há algum tempo meio esquecido pelos fãs brasileiros, Paul Anka voltou a estar em evidência no Brasil graças ao nosso Festival. Mas, muito tímido, durante toda a sua estadia se manteve sempre afastado das garotinhas que o procuravam para conseguir autógrafos.

## A inspiração menor

De nariz arrebitado e temperamento latino, Françoise Hardy é a própria **enfant gatée** do Festival. Sua voz fora do microfone é fraquinha, seu jeito de falar é entediado, mas nem por isto deixa de ser um dos focos preferidos dos fotógrafos e dos caçadores de autógrafos. Sua cintura é das menores que se conhece: 45 centímetros. Se sucesso fôsse simpatia, Françoise por certo receberia uma cotação indesejável:

— Falta-me inspiração em todos os pontos-de-vista.

O público feminino gostou mais de sua túnica assinada por Yves Saint-Laurent e os homens de seu ar atrevido.

## Danny e a frustração da côr

Danny, o finlandês que canta em oito línguas — inclusive português — foi de terno vermelho ao Maracanzinho, desenhado por êle mesmo, com **zipper** diagonal, camisa de gola **roulé** e botas brancas.

Muito irrequieto e animado, Danny adora a música movimentada e a mini-saia: “Ninguém quer ver uma garôta de maxi.” Não fuma e sua bebida preferida é o leite. Explicou que na Finlândia só se bebe álcool à noite.

Do Rio, o que mais o impressionou foi a côr de pele das pessoas: — Nunca vi alguém com uma côr tão bonita, que realça demais nas crianças brasileiras. Aliás, meu pai, que já morou algum tempo aqui, já tinha me falado disto.